

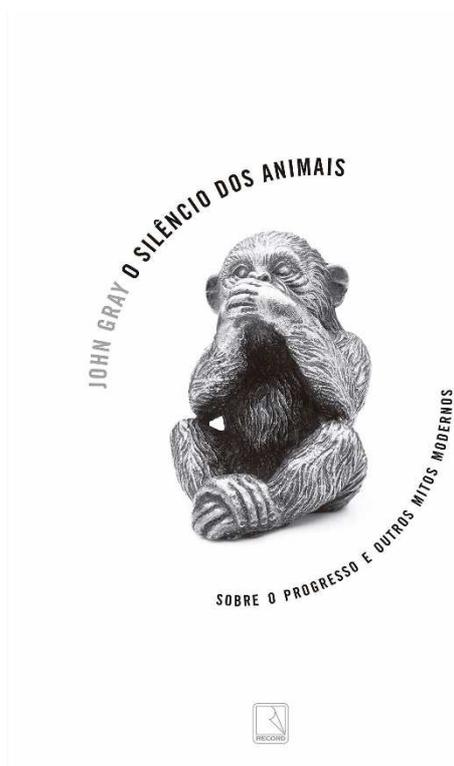
RESENHA

GRAY, John. *O silêncio dos animais: sobre o progresso e outros mitos modernos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

O conhecimento humano aumenta, enquanto a irracionalidade humana permanece a mesma

FABIO ANGEOLETTO*

LEILA CAROLINE SALUSTIANO SILVA**



O livro do filósofo britânico John N. Gray é composto por três capítulos, subdivididos em 27 breves ensaios. Citando escritores, romances e biografias, Gray descreve o mito do progresso, e como os humanos apegam-se à ilusão de civilidade. Seres humanos são animais, e nada revela tão cristalinamente sua essência animal quando acontecimentos extremos, como

a fome ou as guerras. A tênue camada de urbanidade que se esfacela é descrita brilhantemente por Gray, baseado nos relatos biográficos de Norman Lewis e Curzio Malaparte, na história da Nápoles nos últimos anos da II Guerra, onde “as pessoas acampam como beduínos em desertos de tijolos” e mulheres outrora da fina flor da sociedade local ofereciam-se ansiosamente em bordeis militares.

A imagem de seres morais que os napolitanos cultivavam foi dolorosamente estilhaçada, e o livro de John Gray é crivado de exemplos cortantes dessas implosões: Nápoles, a Alemanha devastada pela hiperinflação de 1923 (onde mesmo mendigos recusavam notas de 1 milhão de marcos), os Estados Unidos deste século, no qual a desigualdade é maior que na economia escravocrata da Roma imperial, no século II d.C., a Rússia de Lênin, a China de Mao, a Romênia de Ceausescu: oriundos de um movimento que objetivava a liberdade universal, “o comunismo se transformou em um sistema de despotismo universal”.

A fé no progresso segue profundamente enraizada nas mentes humanas, a despeito de ideias que há muito viraram pó, como aquela que reza que o

imperialismo seria um semeador do progresso humano. Mesmo as óbvias constatações de que a história é uma sucessão de absurdos, e que a mesma falta de sentido seja inerente à existência humana, nós continuamos temperando o nosso dia-a-dia com a crença de que o futuro – ele sim! – haverá de ser reluzentemente melhor do que os dias já passados.

Gray lista os benefícios da fé no progresso, e talvez o mais importante dessas benesses é evitar o autoconhecimento. Temos, portanto, duas reconfortantes ficções que nos impulsionam a acordar e viver sob uma condição maquinal: a esperança de um futuro luzidio, e a crença de que somos parte na grande e inexorável marcha da humanidade rumo à luz. A segunda ficção: “Humanidade”. Para Gray essa entidade não existe. Somos bilhões, cada qual com sua vida singular, composta por ilusões, ambições, e loucura e graus variáveis. Sim, formamos coalizões (breves, na escala histórica) para lutar por objetivos comuns, mas é absurda a suposição de que exista algum vínculo amalgamando os seres humanos.

Aparentemente a crença no progresso vai de encontro à religião. A ciência moderna teria dissipado as trevas da fé, e legado à humanidade o conhecimento que os permitiria finalmente assumir o controle do seu próprio destino. Essa é, para Gray, mais uma ficção. Nas palavras do filósofo:

Na verdade, a ideia de progresso não vai de encontro à religião, da maneira como parece sugerir esse conto de fadas moderno. A fé no progresso é um remanescente tardio do cristianismo primitivo, originando-se na mensagem de Jesus, profeta judeu dissidente que anunciou o fim dos tempos. Tanto para os egípcios antigos, quanto para os gregos antigos, nada havia

de novo debaixo do sol. A história humana faz parte dos ciclos do mundo natural. (p. 13)

“A história humana faz parte dos ciclos do mundo natural”. Somos, portanto, uma espécie animal, contingente como todas as demais. A ideia de que a humanidade vem lentamente caminhando rumo a uma forma mais elevada de civilização é uma fantasia. A história dessa peculiar espécie de primata não é uma flecha irrefreável rumo ao enlevo. Essas são as mensagens fulcrais de “O Silêncio dos Animais”. Ao contrário, para o filósofo britânico “o progresso só é possível nos interlúdios em que a história cruza os braços.” Um exemplo de um desses interlúdios, é o Império Habsburgo no início do século 20, um mundo seguro (seguro, mas com máculas, como o antissemitismo virulento da Viena *fin-de-siècle*) descrito por Gray através das palavras do escritor Stefan Zweig na sua autobiografia “O mundo de ontem”, de 1942. A I Guerra Mundial implodiu essa velha ordem.

É interessante desenhar paralelos e contrapontos do livro de Gray com o livro “*A diferente kind of animal – how culture transformed our species*”, do biólogo Robert Boyd, professor de evolução humana na Universidade Estadual do Arizona. Boyd afirma sem rodeios que a cultura deriva da biologia humana, sendo, portanto, parte dela. Com a acumulação cultural cumulativa pudemos nos adaptar a uma grande variedade de ambientes e situações. Boyd explica na cultura nosso sucesso em dominar o mundo e voar até as estrelas. Gray, não renega a nossa diferença que mais nos distingue de outras espécies de animais, que é a capacidade de acumular conhecimentos e transmiti-los. Mas Gray não se deixa seduzir, como Robert Boyd. Afinal, para Gray, o *Homo sapiens* é incapaz de controlar seu destino, e o que é notável,

é incapaz de utilizar milênios de sabedoria acumulada para viver melhor (GRAY, 2006; TRYJANOWSKI et al, 2019).

Tanto em “O Silêncio dos Animais”, quanto em seu livro anterior, “Cachorros de Palha: reflexões sobre humanos e outros animais”, Gray é incisivo em descrever que provavelmente a maior perversidade nascida da fé no progresso seja uma outra fé: a de que podemos dobrar as leis da natureza e acomodá-las aos nossos propósitos. Esse fervor ridículo, mas onipresente nas ideologias humanas, tem gerado incontáveis catástrofes e sofrimento humano.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Juan Pedro Ruiz Sanz, pelas frutíferas conversações sobre ecologia humana temperadas com *tempranillos*, e a Flora Essy Angeoletto, que nos estimula a escrever mais e melhor.

Referências

BOYD, R. **A different kind of animal: how culture transformed our species**. Princeton University Press, 2017.

GRAY, J. **Cachorros de Palha**: reflexões sobre humanos e outros animais. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006

GRAY, J. **O silêncio dos animais**: sobre o progresso e outros mitos humanos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

TRYJANOWSKI, P., HROMADA, M., & ANGEOLETTO, F. Um tipo diferente de animal: como a cultura transformou nossa espécie. **Terr@ Plural**, 13(3), 383-387, 2019.

Recebido em 2020-03-21

Publicado em 2020-03-28



* **FABIO ANGEOLETTO** é Biólogo e professor do Mestrado em Geografia da UFMT, campus de Rondonópolis (MT).



** **LEILA CAROLINE SALUSTIANO SILVA** é Geógrafa e Mestre em Geografia pela UFAL.